



entrevista com
PEDRO VAZ

*Entrevista com Pedro Vaz, musicista. Nascido em São Paulo-SP, dia 10 de setembro de 1988.
Entrevista realizada na Escola de Música de Brasília, Brasília-DF, dia 20 de setembro de 2018.
Entrevistadores: Domingos de Salvi, Daniel Choma e Tati Costa.*

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Domingos: Você é natural de onde?

Pedro: Eu sou natural de São Paulo, capital. Nasci lá, mas fui criado em Goiânia. Fui pra lá com cinco anos, pra Goiânia, e morei lá até vir pra cá, pra Brasília, estudar. E aí desde então estou lá e cá, Goiânia e Brasília. Estou nessa ponte aí.

Domingos: Como que era Goiânia da sua infância?

Pedro: Era legal. Curioso que nessa época da minha infância, o que reinava de música lá era o sertanejo anos oitenta, noventa, o Zezé di Camargo, Leandro e Leonardo... E eu nem tinha essa noção da viola, sabe? Meus pais não têm muito essa tradição assim de ouvir música de viola, música caipira e tal. Meu pai é paulistano, ouvia mais rock, música internacional... E a minha mãe mais ligada à MPB, à tropicália, essas coisas. Mas depois que eu me aproximei da viola fui descobrindo uma herança rural aí também, de bisavô, avó e tal, coisas de família goiana. Então, meio que por acaso que eu descobri essas coisas.

Domingos: Pode comentar mais sobre estes seus avós?

Pedro: A minha avó tem nove irmãos e praticamente todos eles foram criados na roça pelo meu bisavô que era tropeiro. Ele vendia, era tropeiro... Mas era meio autônomo também. Ele ia buscar, comprava umas coisas e trazia, vendia. Então ele era mineiro, mas migrou pra Goiás ali na região de Ipameri, Catalão, onde ele fez família com a minha bisavó e criou os filhos. Circulavam muito nessa região de Goiás, Tocantins, Brasília, Minas um pouco, como tropeiro. Então tem um pouco essa herança. Os tios da minha avó, que são dessa região de Ipameri, muitos tocavam acordeom. Minha avó cantava muito. Eles eram uma família musical, de cantar muito. Até estou muito interessado... Recentemente estive com alguns irmãos da minha avó e eles relembrou algumas músicas que cantavam na infância. Eu estou bem a fim de desbravar essas canções aí com os velhos da família.

Domingos: Goiás tem uma tradição daquelas modinhas... Tem algo por aí?

Pedro: Na verdade eu nem sei muito bem o quê que é. Eles cantaram algumas coisas até conhecidas, de cancionero caipira e tal. Mas acho que também umas modinhas, umas parlenda... Umas histórias e causos de bicho, sabe? Coisa que eles... Como não tinha energia, não tinha rádio, não tinha nada, então à noite eles ficavam contando história. Aí sempre vinha gente de fora, trazia história, trazia música e tal... Era pouso às vezes de boiada, de tropa. Então era essa vida rural.

Domingos: Mas você começou a ter contato com viola em Goiânia ainda?

Pedro: Foi em Goiânia. Eu conheci o Diego [Lobo], que é um amigo que até virou parceiro de projetos até hoje. Ele teve uma vivência maior dessa "goianidade", de música caipira na família desde sempre, avô violeiro e tal. Então ele já tocava viola. Nessa época eu tinha uns dezoito anos e ele também mais ou menos da mesma idade. Ele já fazia umas misturas, já botava pedaleira na viola... E aí comecei a me interessar. Nessa época eu ainda flutuava um

pouco de instrumento, tocava um pouco de violão, de guitarra, percussão. Mas ainda não tinha certeza se era isso. E aí comecei a experimentar, ter esse contato com a viola. Ainda sem contato com a tradição, mas com a viola dele, do jeito que ele tocava. Depois, quando vim pra Brasília, morava na casa da minha tia e um amigo dela, o Betão, ia pra lá ao fim de semana cantar e tocar viola. Ele tem um repertório grande, ficava cantando os cancioneiros mesmo de viola. E aí eu ficava com o violão lá meio improvisando, indo atrás, brincando e tal. Devagarzinho fui me interessando mais, mais, mais, aí ele me mostrou algumas coisas. O Diego também me mostrou algumas coisas. Depois vim a ser aluno do Roberto [Corrêa] aqui na Escola [de Música de Brasília], meio ainda sem entender quem era o Roberto assim, sabe? E aí tive esse contato semanal com ele, por uns dois anos e meio. E aí peguei bastante coisa também.... Nessa altura, foi meio que uma transição conhecer a coisa da viola mesmo, de entender as tradições, os ritmos, as duplas, de ir atrás, de começar a gostar mais e tal. Aí depois ele saiu pra fazer mestrado, eu já tinha nessa altura, entrado na UnB, estava fazendo licenciatura em música. Então me formei e resolvi voltar e fazer o curso técnico. Que eu tinha concluído o básico com ele nessa altura. E aí vim e fui ser aluno do Marcos [Mesquita]. Nesses quatro anos e meio, fiquei estudando viola por conta própria. Compondo também, fazendo arranjo, tocando em alguns projetos que já rolavam nessa época. E então vim ser aluno do Marcos no curso técnico, fiquei mais uns dois anos e meio sendo aluno dele. Não cheguei a concluir o curso, mas... Então, tenho essas duas referências. Fora outros violeiros que a gente acabou encontrando... O Fernando Deghi, por exemplo, que veio dar um curso de verão aqui. Ficou uns doze dias aí, todo dia a tarde inteira tocando viola com a gente, passando muita coisa, muito material também. Então, me influenciou bastante.

Domingos: E a escola de cada um desses dois professores, Roberto e Marcos, como que foi? Muito diferentes?

Pedro: É, bem diferente. Eu acho até que são complementares. O Roberto, pelo menos no período em que fui aluno dele, ele meio que sacou que eu não estava muito ligado no cancionero caipira, e aí ele começou a me passar o repertório dele, as peças dele. Também coisas de ritmo, técnica, bastante. Mas aí focamos nas composições dele, que foi pra mim muito legal porque em pouco tempo desenvolvi muito tecnicamente, de repertório. E aí eu conseguia fazer uma ponte entre a técnica e a linguagem que ele explorava dentro das suas composições pra mim, as utilizar e recriar da minha forma, tanto compondo quanto fazendo arranjo ou tocando em outros contextos. Então foi muito legal, mas o foco dele era bastante esse. Depois, com o Marcos eu já era um tanto mais maduro, porque eu já tinha concluído a graduação. Já tinha vivenciado bastante coisa, artisticamente. E tinha tido essa vivência com o Roberto. Mas aí o Marcos tem uma outra visão, uma visão que traz um pouco mais sobre harmonia, sobre improvisação, sobre formação de escala, de acorde. E repertório também, que me foi muito útil didaticamente, pra eu passar pros alunos também. Porque com o Roberto acabou que eu furei um atalho e já fui pra umas coisas mais complexas, que às vezes pro aluno iniciante era difícil de aplicar, sabe? Então com o Marcos eu também consegui pegar bastante repertório mais iniciante, mais simples e tal. Coisas de variados

compositores. E tocava bastante na aula e mostrava algumas coisas pra ele também e tal. Então foi bem bacana e vejo meio que como complementares essas duas escolas, digamos assim, que me influenciaram tanto artisticamente quanto didaticamente também. Hoje eu sou professor aqui da Escola de Música de Brasília, onde eu estudei com eles. Eles se aposentaram. Então acho que eu me proponho a conseguir fazer um bem casado entre as duas visões deles e trazer a minha contribuição também.

Domingos: E como você vê o curso de viola aqui da Escola [de Música de Brasília], que foi criado em 1985, um dos primeiros numa instituição pública?

Pedro: É, foi o primeiro curso nesses dois módulos de básico e técnico, fundado pelo Roberto [Corrêa]. Logo depois ele convidou o Marcos [Mesquita], que também veio somar aí nesse time. Cara, eu acho extremamente importante. Aqui já passaram violeiros diversos que estão fazendo música por aí, que estão gravando CD, que estão fazendo show. Nem todo mundo ficou muito tempo, formou, concluiu as etapas. Pessoal das duplas aqui de Brasília também, muita gente transitou pela Escola. E todo o material didático que foi criado pelos dois professores, que foi sistematizado, o pensamento de ensino, a parte didática, repertório escrito, várias coisas que são muito importantes pra viola no cenário nacional e principalmente pra cidade, que consegue usufruir desse potencial aí.

Domingos: E Brasília é uma cidade que tem uma demanda, muitas pessoas interessadas na viola caipira?

Pedro: Tem, cara! Tem bastante gente tocando viola, tanto profissionalmente quanto amadoramente. Eu não sei o quê que é, mas imagino que essa coisa de ter vindo muita gente do interior de São Paulo, muita gente de Minas, muita gente de Goiás... Então, essa coisa saudosista assim, da viola, ela acontece aqui bastante, sabe? E eu vejo isso mais do que em Goiânia, por exemplo. Eu vejo mais cena de viola aqui do que em Goiânia. Em Goiânia também tem, mas é menos, sabe? Parece que a coisa da música sertaneja foi muito forte lá, entende? Então o pessoal tem um pouco mais essa cultura da música sertaneja. Acho que aqui, também pela presença da Escola, do Marcos e do Roberto, com certeza também fomentou isso muito. Então aqui tem uma violeirada boa sim. Tem muita dupla, muita dupla bacana trabalhando com CD gravado, tocando, se articulando. Muitos violeiros também.

Domingos: Um cenário diverso?

Pedro: É um cenário plural sim, de violeiros e violeiras.

Domingos: E você tem um trabalho autoral também, você gravou um CD recentemente. Quais são as suas inspirações, como que aparece na sua música o ambiente que você vive que é no caso o cerrado, Brasília?

Pedro: Sim, é como eu estava falando. Essa coisa de quando fui aluno do Roberto, de estudar esse repertório dele, isso me influenciou diretamente. As primeiras músicas que fiz foram sempre extraindo algum elemento de alguma coisa que estudei com ele, de alguma

coisa dele que eu ressignifiquei e reelaborei de uma outra forma. Então essa influência do Roberto, é muito forte. E em termos de violeiros, depois vim conhecer o trabalho do Ivan Vilela, que também me influenciou muito, do Almir Sater, do Instrumental 1, do Instrumental 2 também, menos um pouco. Do Levi Ramiro, especialmente o Trilha dos Coroados. E do Fernando Deghi. Então eu acho que esses cinco violeiros foram os violeiros da viola instrumental que mais me influenciaram. Que eu mais identifico o estilo deles com o que eu faço. Mas essa pergunta é meia subjetiva, talvez eu não saiba explicar muito. Tenho muitas influências de outros estilos, de outros instrumentos, de outras histórias também que eu trago indiretamente assim. Costumo dizer que eu sou um violeiro que fui pra raiz assim: eu não vim dela, mas eu a busco. É diferente o caminho que eu fiz e que eu faço. E as composições, elas surgem de busca pela sonoridade, sem muita pretensão teórica, sem elaboração teórica. Acho que um pouco depois que elas surgem que eu consigo as compreender um pouco e tentar, a partir dos conhecimentos, desenvolvê-las. Mas é sempre uma coisa minha com ela mesma, de ir buscando as sonoridades sem muita regra ou sem muito estilo. E buscando o que eu acho legal, o quê que me agrada mesmo. Não sei... É meio íntimo assim, sabe? Vai por aí.

Domingos: Você pode mostrar alguma composição pra gente?

Pedro: Posso mostrar. Uma que está no disco, chama “Boa Esperança”.

[Toca na viola caipira a música instrumental “Boa esperança”, de sua autoria].

Domingos: Pedro, e como é que foi essa vinda sua de Goiânia pra Brasília. Tem alguma semelhança entre as duas cidades?

Pedro: Cara, é bem diferente, hein? Brasília é uma cidade diferente das outras cidades. Cidade planejada, tudo muito espaçado e muito setorizado. E aí acho que isso reflete um pouco na vida social e nas pessoas. Goiânia não, Goiânia é uma cidade mais tumultuada, mais misturada... Você sai na rua tem um monte de gente, tem um boteco ali, tem não sei o quê. É mais quente. E para, além disso, o lugar onde a gente foi criado é o lugar que você sabe onde são as coisas, você sabe como é que chega, sabe com quem falar. Se você não sabe, sabe com quem falar que vai saber tal coisa. Então esse sentimento de pertencimento, de estar em casa. Em Brasília é mais complicado. Demorou um tempo pra me sentir assim. E ainda hoje em dia a estrada é minha casa, estou sempre lá e cá, toda semana praticamente, já tem mais de dez anos, onze anos.

Domingos: Nesse seu período de UnB [Universidade de Brasília], tinha uma presença de viola ali, pessoas em torno disso, como era?

Pedro: Não tinha. Tinha um colega, o Tiago [Alves], que tocava, que ele na verdade estudava violão erudito e estava migrando pra viola. Depois de um tempo entrou a Carol [Carneiro] também. Não estou lembrando de mais ninguém. E o fazer musical na UnB, pelo menos nessa época, era muito pouco o fazer prático, entende? Então eu posso contar nos dedos

das mãos quantas vezes levei minha viola pra lá, sabe? Quantas vezes eu toquei viola com o pessoal lá. Então ainda é uma coisa... Mas a viola tem essa coisa assim que ninguém sabe, mas todo mundo gosta, ninguém sabe que gosta mas... Ninguém não, muita gente sabe que gosta, claro! Mas pessoal não sabe que gosta, mas gosta. Assim, é só você tocar que a galera... Tem um mistério aí. Então assim, aonde eu cheguei com a viola, mesmo nesses lugares, ela sempre foi bem-vinda. Às vezes tratada com um exotismo, mas a galera curte na real. Tem uma frase, acho que é do Renato Andrade, que fala que viola é igual mortadela. *[Risos.]* Todo mundo gosta mas não fala que gosta!

Domingos: E você tem trabalhos musicais com outros grupos também, num cenário bem urbano, influenciado pela cidade. Como que é?

Pedro: Sim, eu tenho. O primeiro trabalho que eu fiz com viola foi um grupo com esse amigo Diego [Lobo] de Goiânia e mais dois amigos, o Alan [Hahnemamm] e o Tiago [Tocha]. Se chama “Cega Machado”, que é um grupo de percussão e viola caipira, a gente sempre alternava entre nós quatro. Sempre um estava tocando viola, que hora era eu, hora era o Diego, e os outros três tocando percussão com bastante influência da rítmica nordestina, das alfaias, dos tambores, coisa bem quente. E aí a viola também sendo processada e tal e distorcida e várias coisas. Então era uma coisa bem regional, mas também com olho no mundo pop... No mundo. E a gente fez esse trabalho durante bastante tempo com muito afinco, gravamos um CD que chama “Sete Quedas”. Tocamos no Panamá, tocamos em Portugal, tocamos na Suíça, fizemos uns shows legais, tocamos bastante em Goiás nos festivais todos e tal. Então foi legal que eu comecei a compor e comecei a tocar viola e tinha a oportunidade de aplicar essa musicalidade nesse grupo, e trocar muita figurinha com o Diego que é esse parceiro. Depois de um tempo, uma banda que tive na adolescência que se chamava “Coró de Pau”, ela voltou e trocou de nome pra “Caboclo Roxo”, que era uma banda muito influenciada assim pelo Mangue Beat, pela música regional, flertava com essa música brasileira e um pouco de rock. Nessa volta ela ficou um pouco menos regional, mas ainda com essa carga. E esse grupo existe até hoje, está finalizando um CD, o segundo CD, mas o primeiro dessa nova fase onde eu toco guitarra e toco viola também. Intercalo, toco mais guitarra do que viola, mas a gente preza pela viola estar presente. No disco até gravei mais viola do que ao vivo, eu toco pra justamente valorizar isso. Desde 2013 que eu faço parte de uma banda aqui de Brasília que chama “Judas”. Foi fundada pelo Adalberto Rabelo Filho, que é um compositor, músico e cantor, com o Fábio Miranda, que é um violeiro que inclusive foi aluno aqui da Escola [de Música de Brasília] também, foi formado aqui. Então eles se juntaram, fizeram esse formato “Judas”, lançaram um CD e logo depois o Fábio foi pra São Paulo, aí eu assumi no lugar dele. De lá pra cá a gente fez alguns shows também. Lançamos um EP com três músicas e agora estamos finalizando um disco completo também pra lançar, que deve sair no início do ano que vem, alguma coisa assim. Fora isso, temos uma Orquestra de Violeiros aqui em Brasília, [chamada Orquestra Roda de Viola], que também foi fundada pelo Fábio [Miranda] e que eu também assumi em 2013, que a gente está completando sete anos esse ano em outubro. Tem aproximadamente dezessete violeiros

divididos em três naipes. É um grupo instrumental que é diferente da maioria das orquestras, que são muitas hoje no país. É um grupo instrumental que foca em fazer releituras de arranjos próprios para o cancionero caipira, pras mais conhecidas, esse primeiro momento da orquestra, esse primeiro repertório, digamos assim, é calcado nesse cancionero mesmo, assim, bem tradicional, bem conhecido. Tenho um duo também com um baixista, Jefferson Amorim, que aí nesse duo a gente faz de tudo. A gente faz rock'nroll, faz jazz, faz música autoral, faz MPB. Bem cara de duo mesmo assim, instrumental, a gente faz várias coisas. O que mais? Tem um coletivo lá em Goiânia que chama "Encontro violado" que é de sete amigos violeiros, compositores que se juntam mais pra falar besteira e tocar [risos], do que pra fazer show ou gravar CD. Eventualmente a gente faz alguns shows também, faz uma roda de viola, com a violeirada.

Domingos: Na Orquestra de Viola, como é o perfil de pessoas que buscam essa convivência?

Pedro: O perfil é bem variado, tem pessoas de várias faixas etárias. Não tem muita gente jovem, criança não tem, adolescente também não tem. Quando eu entrei tinha um garoto, mas depois de um tempo ele saiu. A maioria é pessoal de quarenta a sessenta anos, a maioria homem, mas tem mulher também. E a maioria é amadora, pessoal que já toca viola há algum tempo, mas não se profissionalizou. Ou que está estudando ou que está iniciando, vários tipos. Mas todo mundo com muito amor, muito carinho pelo instrumento e com vontade de tocar, de juntar e de estar junto. E de ter esse oásis na vida, sabe? De estar com a galera da viola, de estar tocando aquelas músicas que gosta e de estar apresentando, de estar fazendo trabalhos relevantes. Fizemos vários shows bacanas com participação do Marcos Mesquita, do Roberto Corrêa, do Fábio. Agora a gente vai fazer uma participação do Zé Mulato e Cassiano. Então imagina, pra gente tocar com esses caras, dividir o palco, tocar junto... É incrível, sabe?

Domingos: E a turma da viola tem uma fama de ser muito social, não é?

Pedro: Sim.

Domingos: Aqui na Escola de Música... De repente você vê um bolinho de gente conversando, é provavelmente pessoal da viola, não é?

Pedro: É bem isso. O ensaio mesmo, se não cuidar vira piada porque um fala uma besteira, o outro remenda, outro remenda, é fácil, sabe? E é muito isso, a galera gosta de estar junto mesmo. É meio um "Clube do Bolinha" também, sabe? É muito legal isso.

Domingos: Qual é o elo entre essa tradição que vem da viola e o mundo contemporâneo?

Pedro: O elo... É o que a gente busca. É o fio da navalha, não sei direito. Mas eu acho que o próprio som da viola, o próprio timbre, ele é talvez o maior elo. Porque o timbre da viola ficou marcado por um período. E a gente tem que lembrar que esse período da música de dupla, esse período da música caipira fonográfica, digamos assim, ele é um período pequeno

em relação à história da viola. Mas ele é um período muito marcante, que a viola falou muito pra muita gente. E muito rico também, muita composição, muita rítmica, muita coisa foi estruturada nesse período. Então ela traz essa marca: onde você toca a viola, o som dela mesmo já remete a essa música, a essa musicalidade rural. Mas eu acho que os violeiros mais atuais, que buscam uma certa modernização, eles têm o gosto também por compreender e por trabalhar essa parte mais tradicional. Então acho que de uma certa forma isso influencia na música contemporânea, digamos assim. Eu não me lembro de ninguém que quer deixar isso pra trás. Sabe? Que não admira ou que pensa só no futuro. Todo mundo está fazendo as coisas do hoje e do amanhã, mas olhando pra trás, admirando o que foi feito também. Se você pegar trabalho desses violeiros que eu cito como referência também, todos eles trazem um elemento assim, por mais desconstruído que ele esteja ali... Mas uma questão rítmica ou uma questão melódica, sempre tem um pezinho sutil na tradição. E eu acho que é importante também a gente olhar pra frente sabe? E ser original, tentar ser original. Tentar trilhar novos caminhos, tentar levar o instrumento para outras pessoas. Tentar... Mas não negar aquela outra história, trazendo-a junto.

Domingos: Você se sente caipira?

Pedro: Cara, boa pergunta! Eu me sinto de uma certa forma, e de outra forma não. Eu sou urbano, não é? Nascido em São Paulo, fui criado em Goiânia que é uma cidade grande, tem mais de um milhão de habitantes. Então não vivi na roça, não cresci na roça. Mas esse sentimento da ruralidade, até do jeito de falar, dependendo de onde eu for... Aqui eles me acham caipira. Se perguntar aí pra qualquer um... Porque meu sotaque não nega, tem esse elemento caipira aí junto. Então, sou e não sou. Sou descendente de caipira, digamos assim... Sou pós-caipira! *[Risos]*. Sei lá!

Domingos: Seu sotaque é um sotaque goiano?

Pedro: É. Mas já está meio misturado com o sotaque brasileiro. Mas ainda me percebo mais como goiano. Mas lá em Goiânia o pessoal já me estranha um pouco também!

Domingos: Na conversa com alguns brasileiros eles acham que Brasília não tem um sotaque próprio...

Pedro: É, doce ilusão!

Domingos: Como é o sotaque brasileiro?

Pedro: Cara, o sotaque brasileiro é muito curioso porque ele traz influências goianas, influências nordestinas e cariocas principalmente. Então a primeira elite brasileira é carioca, a princípio, por conta da transferência da capital pra cá. Mas veio gente de todo o Brasil. E a classe trabalhadora, muitos nordestinos, e um pouco de goianos. O entorno aqui já era Goiás, né? Já era, tudo isso aqui era Goiás, era habitado. E tinha as cidades aqui no entorno, que algumas até viraram Distrito Federal. Taguatinga mesmo já existia uma cidade,

Planaltina, entre outras. Então é essa mistura aí maluca. Então, tem vários micro sotaques aqui também.

Domingos: E pra você, o que é essa questão do candango?

Pedro: Lá em Goiânia, todo brasileiro é candango. Mas aqui em Brasília não. O correto, digamos assim... Os candangos foram os imigrantes que vieram pra cá construir a cidade. Então os brasileiros não se consideram candangos. Apesar de que muitos são, são de origem candanga. Então eu não sei, não tenho propriedade pra te falar disso, mas enfim, é isso.

Domingos: Você chegou a fazer alguma composição inspirada aqui em Brasília ou em algum elemento do cerrado?

Pedro: Não. As minhas inspirações... Inclusive isso é engraçado: assim que eu comecei a compor, eu tocava para as pessoas e as pessoas falavam assim: “e de onde que veio essa inspiração? Que passou na cabeça?” Aí eu respondia assim, muito sem história, sabe? Muito direto: “ah, eu vou procurando aqui e achando o som e aí eu acho legal e é isso”. E aí eu frustrava a galera: “poxa, como assim?” A pessoa espera que você conte uma história legal: “eu estava ali aí eu ouvi um canto da siriema aí eu tentei imitar”... Que é uma coisa recorrente no Brasil adentro, da violeirada fazer isso realmente, ter essas inspirações mais objetivas. Mas eu costumo dizer que as minhas inspirações... Eu não tenho muito consciência delas, sabe? Eu não sei muito de onde elas vêm. É uma coisa mais íntima mesmo, sentimental, não é tão externa, talvez. Ou é e eu não tenho essa consciência. Minha única música que tem uma temática mais clara assim é uma música que chama “Águas de Mariana”, que eu estava compondo bem na época que aconteceu o desastre da barragem do Rio Doce. Aquilo foi uma tragédia total e eu fiquei muito comovido com aquela história. Já tinha começado a compor a música e aí terminei de compor no meio desse momento. E aí coloquei o nome da música em homenagem não ao acidente, mas ao rio, às pessoas que vivem lá, à fauna, à flora. Acho que é a única que eu tenho um título mais direto assim. Os outros títulos são também... É curioso, eu tenho extrema dificuldade de colocar o nome das músicas. Meu CD mesmo enrolei mais de um mês, só porque faltava duas músicas pra batizar e eu não conseguia. E aí fiquei enrolando o CD... Elas costumam ter nomes mais vagos. Como “Boa Esperança”, que eu toquei, porque ela me traz uma coisa de esperança mesmo... No começo ela é mais densa, tem um tom menor, mais fechado, mais sofrido, e depois ela desabrocha, digamos assim, numa coisa mais esperançosa. Então ela me trazia esse sentimento. Às vezes eu coloco uns nomes provisórios nas músicas. Eu chamava essa de “Esperança”. Depois ela veio a ser batizada oficialmente como “Boa Esperança”. E aí tem outras: “Estância”, “Sobre noites e dias”, “Vilã do tempo”, “Era”, são nomes menos objetivos, digamos assim.

[Toca duas músicas na viola caipira: “Águas de Mariana” e “Vilã do Tempo”, de sua autoria, ambas instrumentais.]

Pedro: “Vilã do Tempo” é uma música meio antiga que eu compus no começo. É da época do “Cega Machado”, entrou no repertório, no disco, então tem a versão que a gente gravou. E agora no meu trabalho solo, solo acompanhado, cheio de gente bacana inclusive, eu também gravei ela. Com o duo eu toco ela, onde eu vou eu toco ela... É meio que uma música de guerra. Ela é forte, sempre me emociono ao tocá-la. Quando ela termina meu coração está: “bvvvv”... Não sei por quê ela traz uma coisa louca assim. A gente tem que bater o escanteio e fazer o gol também, não é? Tem que fazer de tudo um pouco. Tentar entender os mecanismos de produção, de divulgação, de gravação e se agenciar, ir atrás, ligar, fazer... Pensar na idéia. Esse disco, por exemplo, a concepção artística é toda minha, eu escolhi a capa dentro de uma série de obras de arte do Elyeser Szturm. Aí escolhi o produtor, escolhi o nome do disco, escolhi o repertório... A instrumentação também, o conceito do trabalho. E aí convidei o Ricardo Vignini pra produzir e ele me indicou os músicos que são o Pedro Macedo no contrabaixo, André Rass, percussionista... E tem quatro faixas que tem o Thomas Rohrer na rabeça e uma no sax. E tem a Milla Tuli, uma cantora goiana que faz uma participação em uma faixa também. Então foi um processo muito bacana. Muito feliz de estar com essa galera, músicos competentes e criativos que colaboraram imensamente. Então, os arranjos dos instrumentos deles são todos criações deles, com direção minha e do Ricardo. Mas eles trouxeram, eles pensaram, eles criaram. Ninguém escreveu nada para eles tocarem. Eles sentiram a música e entraram no clima, levaram o trabalho pra um lugar que eu não conseguiria imaginar. Que eu imaginei, vislumbrei, mas foi mais pra lá ainda, sabe assim? E essa música mesmo, “Águas de Mariana”. Sempre que eu toco aqui eu lembro dos fraseados do sax, eu não desapeguei ainda, sabe? Eu sofro assim um pouco... Não é mentira, quando toco sozinho sinto falta deles, acostumei com a sonoridade que ficou tão legal. E ele está disponível aí nas plataformas, no meu site. O meu site é www.avioladepedrovaz.com Está disponível pra ouvir lá. Está em todas as plataformas de streaming aí, Deezer, iTunes, Google play, Apple, Spotify, etc. Então está aí pro pessoal ouvir e espero que todo mundo vá atrás. Eu também estou lá no Facebook, no Instagram...*[Risos.]* É isso aí!

Domingos: Pra você, o que é a memória?

Pedro: Caramba! Cara, a memória é o que nos faz ser, não é? A gente é o que é pelas nossas memórias também. Porque através delas é que a gente caminha no mundo, ou na arte, ou na vida pessoal. Em qualquer circunstância, o que você tem pra ver o mundo é o que você traz dentro de você, que é a sua memória. E um pouco de inspiração, intuição, que não está necessariamente ligado à memória. Mas as nossas memórias são as nossas cartas na manga, aquilo que a gente tem pra recorrer do que a gente sabe, do que a gente viveu, do que a gente conhece, do que a gente não conhece. Acho que é um pouco isso. Nossa parceira de ver o mundo, de viver no mundo, de fazer o mundo.

Domingos: Se você fosse uma música, qual seria?

Pedro: Nossa! Dessas minhas? Acho que talvez “Boa Esperança” me represente bem assim. Porque eu tenho um pouco esse pessimismo... Mas eu tenho esperanças, saca? Eu sou um

pessimista que acho que muita coisa bacana vai acontecer, sabe? Então, por um milagre praticamente... Que eu costumo dizer que as coisas boas, elas são milagres, não é? Porque tudo é feito pra dar errado. Imagina, qualquer coisa que você olhar você fala assim: “bicho, o ser humano, a arte, como é que a gente funciona? Como é que a gente vive?” Toda essa estrutura corporal que a gente tem, isso é feito pra dar errado, não é possível que dá certo! E dá certo. Só pode ser um milagre. A arte também, que a gente combina sons. Que parâmetro a gente tem pra combinar sons de uma forma agradável, sendo que o caos é maior? E dá certo! Então, acho que “Boa Esperança” me representa por isto. Eu sou um pessimista otimista!

Domingos: E o que é a vida?

Pedro: A vida? A vida é isso aí que nós estamos aqui falando, tocando, aprendendo, ensinando, vivendo. É um desafio. A vida é uma coisa meio difícil, meia complexa. Tem muitas labutas diárias, muitos milagres aí que a gente tem que fazer acontecer... Que a tendência natural é dar errado!*[Risos.]* Então a gente tem que ficar: “vai rolar, vai rolar”. Trabalhando na vida pra que ela seja melhor. E o propósito da vida, cara, sei lá... Um dia a gente descobre, ou não!

Domingos: E por que tocar viola?

Pedro: Cara, tocar viola foi meio por um acaso. Eu já fazia música, já tocava outros instrumentos. Mas realmente a viola me pegou assim devagarzinho. Ela... Essa coisa da afinação aberta, essa coisa da experimentação, essa não necessariedade de complexidade harmônica... Isso é uma coisa que eu gosto demais, sabe? Essa coisa modal de ficar na mesma nota meia hora, ficar repetindo, eu gosto disso. Acho que hoje em dia tem uma supremacia da harmonia, como se a harmonia fosse o único parâmetro de avaliar riqueza em música. Eu acho que ela é um dos parâmetros. Então a viola me pegou muito por isso, pelo timbre, por ela ser muito acolhedora. Todo mundo pega a viola, faz uma coisinha e já sai bonito pra caramba. A viola me fisgou nisso. Mas por que tocar? Por que compor? É muito inerente, faz parte de mim, sabe? Eu ouço muita gente falando: “ah, vou desistir, não vou fazer, é difícil demais”. Eu não sei se eu sou capaz de tomar essa atitude, sabe? De abandonar. Não tem jeito, sabe? Eu penso nisso cara! O tempo inteiro, eu fico pensando, inventando moda... Estou com uns projetos malucos aí também. Não sei, é natural, entendeu? Acontece, faz parte.

[Toca na viola caipira a música instrumental “Dê espaço ao tempo”, de sua autoria].

Pedro: Ela é uma faixa bem mais singela do que as outras, que é proposital. E o título tem uma história curiosa. Eu dei aula pra uma aluna no Park Way, que é um setor aqui em Brasília. E aí no caminho da casa dela, já dentro do Park Way, tem escrito no asfalto grandão assim, com cada letra de um metro mais ou menos, espaçado: DÊ... lá na frente: ES... lá na frente: PA... ÇO... AO... TEM... PO. Bem espaçado e bem grande. Eu sempre passava lá e lia esse negócio. Às vezes eu lia uns pedaços, desacompanhava e tal. Aí cada vez mais fui

prestando atenção e achando interessante. Na época eu dei uma pesquisada pra ver se tinha alguma coisa já com esse nome, alguém que escreveu isso, sei lá. Eu não achei nada na época e a única coisa que me desagradava do título era o fato dele ser no imperativo, que ele é: “Dê espaço ao tempo”. Ele fica soando como se eu tivesse mandando, ordenando. E aí eu tentei reescrever isso de uma outra forma que não perdesse o sentido, mas deixasse de ser imperativo. Mas eu não consegui e depois comecei a achar que era besteira da minha parte, que tudo bem, entendeu? Que também não sou eu que estou falando. É isso: “Dê espaço ao tempo”. Depois de uma outra pesquisa descobri um artista plástico que fez uma intervenção aqui em Brasília no Eixão e colocou essas plaquinhas: “Dê espaço ao tempo”. Mas eu esqueci o nome dele. Enfim, nunca entrei em contato com ele, mas tenho vontade de entrar. Então me apropriei desse nome, me identifiquei, vibrei com esse nome. Que eu também não sei se foi ele que escreveu ou se ele fez a intervenção, de onde veio isso e tal. Sei que pra mim fez todo o sentido. Eu acho um nome super bacana e super adequado com o repertório que eu já tinha. É isso. Dê espaço ao tempo.

Domingos: Uma coisa antropofágica...

Tati: É a cidade falando com você!

Pedro: É, você perguntou de Brasília, se me inspirava, se me inspirou alguma coisa. Sim, claro. Essa história aí.

Domingos: Sua viola tem guizo?

Pedro: Guizo? Não, não tem. Diz que você tem que ganhar ou pegar na cobra. Se eu ver uma cobra passando ali, bicho... Eu vou correr pra lá, certeza absoluta! E assim, se eu ganhar eu coloco, mas eu não ganhei, então é isso.

Domingos: Qual conselho você daria pra quem está começando a tocar viola?

Pedro: Cara, eu acho que é imprescindível escutar bastante música. Escutar muito e escutar coisas diversas. Eu tenho muito aluno e conheço muito pessoal da viola que é muito restrito, sabe? Que a impressão que eu tenho é que parou no tempo e aí escuta só um determinado estilo e só aquilo que é legal, entendeu? “Hoje em dia não tem música que presta”, é o que eu mais ouço. Hoje em dia não tem na televisão, não é? Televisão realmente está difícil, se você garimpar você ainda acha uma coisa ou outra, mas é bem raro. Mas o mundo está aí cheio de gente fazendo coisas incríveis. Então tem que abrir um pouco a cabeça. E buscar coisas, ser curioso mesmo, ouvir, ter paciência. E ir em shows, tem que ver o povo tocando ao vivo, ver como que é e tal. E tem que se dedicar, tem que sentar ali com um propósito. Acho super legal tocar brincando com o instrumento, sabe? Brincar com o instrumento, eu acho incrível isso. E é assim inclusive que eu componho, assim meio brincando. Eu falo muito pros alunos: gente, toque, pegue alguma coisa que você saiba, uma escalinha duetada... Ou tenta fazer uma coisa que você não sabe. Vai apertando umas notas, vai dedilhando, vai buscando o som, sabe? Vai brincando. Eu acho que isso é muito legal. Mas é legal também

dar uma sistematizada. Porque aí você consegue ir colocando tijolinhos. E essas coisas vão virando repertório pra você ir além, pra você tocar e tal. E tocar em conjunto também é muito importante.

[Toca na viola caipira a música instrumental “Boa esperança”, de sua autoria].
